

As verdades que os homens contam

Há mais “verdades” entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia

ANA LUIZA HUPE, CAROLINA SALOMÃO, ISABELLA HEINE E JULIANA SERFATY



Verdade

*A porta da verdade estava aberta,
Mas só deixava passar
Meia pessoa de cada vez.
Assim não era possível atingir toda a verdade,
Porque a meia pessoa que entrava
Só trazia o perfil de meia verdade,
E a sua segunda metade
Voltava igualmente com meios perfis
E os meios perfis não coincidiam verdade...
Arrebentaram a porta.
Derrubaram a porta,
Chegaram ao lugar luminoso
Onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
Diferentes uma da outra.
Chegou-se a discutir qual a metade mais
bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela
E carecia optar.
Cada um optou conforme
Seu capricho,
sua ilusão,
sua miopia.*

Carlos Drummond de Andrade. *Corpo*.

Verdade. Será que ela existe? Até que ponto pode-se falar da existência de uma única verdade inquestionável? Drummond desafia o conceito cristalizado sobre o tema. Não há para o poeta indubitável verdade, nem mesmo consegue-se chegar a qualquer concepção.

A compreensão da verdade desafia a humanidade há milhares de anos. Filósofos da antiga

Grécia debatiam sua natureza. Discutiam se era real e absoluta, ou relativa e ilusória.

Mas o que é verdadeiro? Posso conhecer a verdade? A própria pergunta sobre a verdade passa a ser reavaliada e reformulada diante das múltiplas possibilidades de respostas que surgem à medida que o conhecimento é relativizado e as explicações antes intocáveis vão com o passar da história mudando as feições.

Diderot



“Deve-se exigir de mim que procure a verdade, mas não que a encontre” Diderot

Como poeta moderno, Drummond busca através da poesia as suas respostas que são os sentimentos pessoais, impressões e pensamentos. Ele aponta para a desconstrução de todas as crenças arbitrárias, indicando a multiplicidade presente nos diferentes objetos que estão no mundo. Volta-se para o seu universo particular, já dissolvido em uma visão parcial e pessoal sobre a realidade, à sua verdade que não necessariamente é a mesma da de todos que estão lendo este artigo, muito menos dos que habitam este planeta.

Muitos filósofos e amantes do saber chegaram à conclusão que mais vale a busca da verdade do que propriamente o seu conhecimento. Vivemos em um eterno fluir e destruir de pensamentos que no decorrer da história se autocorrompem, sem sabermos com que certeza seguimos adiante.

Este é um dos impasses não só das engenhosas teorias, como também do jornalismo diário no dever de relatar a verdade dos fatos. Como ser fiel ao ocorrido? Embora descrever o objeto em si, sem

“Para o jornalista, a busca pela verdade completa pode ser bem perturbadora”

Arthur Dapieve

que o sujeito interrompa a veracidade da ação seja uma das premissas do jornalismo com credibilidade, não existem meios de transmissão de uma informação que não passem pela mente de um ser humano que carrega em si uma história de vida, e mesmo sobre muitas tentativas de ser uma tábula rasa, não se estaria imune a ela. No fim, somos todos reféns de nós mesmos. Cada um com seus particulares caprichos, miopias e ilusões.

“Aquele que duvida e não investiga torna-se não só infeliz, mas também injusto” Pascal



Mentira tem perna curta

Segundo o jornalista Arthur Dapieve, professor do curso de jornalismo da PUC-Rio, o jornalismo se faz baseado em fatos, portanto para seu exercício a verdade é fundamental. Contudo, é difícil se chegar a uma verdade completa, uma vez que há sempre uma parte da notícia que não se consegue apurar. Para o jornalista, a busca pela verdade completa pode ser bem perturbadora. Relatos, fatos, dados, números e apurações levam o repórter a chegar o mais próximo possível do que é verdadeiro. “Então quando você vê qualquer assunto que esteja sujeito à celeuma, aquilo

que os jornais, os sérios e conscienciosos, publicam, são apenas uma parte da verdade. Parte da verdade está sob suspeita, não parece verdadeira”, pondera o jornalista.

Dapieve relata que, quando trabalhou como editor, deixou de publicar matérias por apresentarem relatos que, aparentemente, não se sustentavam. Certa vez, ele conta que um repórter chegou à redação com uma entrevista de um sujeito que se dizia terrorista ligado ao grupo islâmico Hezbollah: “O repórter era ótimo, confiável, ganhador de prêmios, mas a substância da matéria não me dava garantias de que aquilo era verdade. Então preferi não publicar”, conta.

O jornalista ressalta que há uma linha tênue entre opinião e inverdade. Mentiras não podem ser publicadas nos jornais. O que é legítimo numa democracia é opinar a favor ou contra, a partir de uma informação. Há diferentes visões a partir de um só fato.

Ele acrescenta que a manipulação de uma notícia não é a distorção de um fato e sim um corte da realidade, que acontece quando é conveniente deixar a verdade de lado. “A revista Veja tem uma campanha anterior ao governo Lula contra o MST. O que a Veja fala é verdade, só que ela faz um recorte e deixa de contar o outro lado, porque se o que ela falasse fosse apenas mentira, não se sustentaria”, exemplifica Dapieve.

Jornalisticamente, mentira tem perna curta.

Em verdade, vos digo



“A verdade liberta-vos-á” Evangelho de S. João

A verdade não é uma abstração intelectual, é uma contemplação à importância do que existe dentro dos seres. Para os cientistas, a verdade é construída, enquanto que para religiosos, é absoluta. Diferentemente da visão religiosa clássica, o arcebispo da Igreja Ortodoxa do Rio de Janeiro, Olinda e Recife, Dom Crisóstimo, discorda da verdade absoluta dogmatizada, aquela

“A verdade é uma mentira sem a qual não conseguiríamos viver, a verdade é arte”

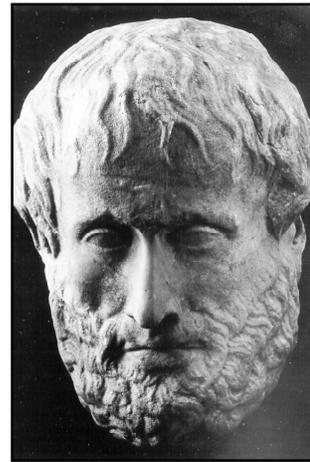
Claudia Castro

imutável. “A verdade existe como algo que paira no ar, mas ela precisa ser descoberta. Cada um tem uma vocação, as pessoas precisam descobri-la e desenvolvê-la – essa é a verdade de cada um”, explica o arcebispo.

Sobre a ciência, ele comenta que ela descobre verdades soltas, que se fecham em si mesmas, não são dimensionadas no cosmos. Ele diz que a verdade é a busca sem julgamentos, o pecado faz parte e a mentira aumenta a distância ao caminho que cada um deve seguir. “São demais os perigos dessa vida. O problema não é vivê-los, a busca pela verdade é perdoar-se a si mesmo. Existem vários caminhos para isso, o importante é religar-se, ter referências, não segui-los individualmente”, conclui.

A verdade das sensações

Nos primórdios da existência do homem, os seres humanos eram agressivos e violentos, não tinham leis. Estas foram criadas para conter a violência dos homens. As leis são necessárias para que o homem viva em sociedade, mas elas reprimem os instintos humanos mais primitivos e agressivos. As mesmas normas que contrariam os instintos oprimem a livre expressão do ser humano, aprisionando-o numa falsa sensação de liberdade. O homem passa a viver em função da moral, que é o resultado desse aprisionamento.



“A única verdade é a realidade” Aristóteles

De acordo com a filósofa Claudia Castro, professora do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, o conceito de verdade anterior a Nietzsche era moralista. A partir do filósofo alemão, a verdade deixou de ser científica, passou a ser uma ficção que deve ser entendida como tal. “A verdade é uma mentira sem a qual não conseguiríamos

viver, a verdade é arte. Através da arte, podemos expressar o que em nós é singular, o que sentimos, mas não conseguimos expressar em palavras”, explica a professora. Para ela, a verdade não é

uma obra da ciência, mas sim uma experiência do tempo e para alcançá-la, “é preciso largar o pensamento, experimentar as sensações que o mundo oferece”, conclui.



VERDADES

A VERDADE GREGA

ΔΛΕΘΕΙΑ

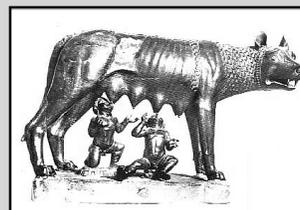
Em grego a palavra para verdade é *aletheia* e significa o não oculto, não escondido, não dissimulado. O verdadeiro é o que se manifesta aos olhos do corpo e do espírito, a verdade é a manifestação daquilo que é ou existe tal como é. O verdadeiro, neste sentido, se opõe ao falso, pseudos, que é o encoberto, o escondido, o dissimulado, o que parece ser e não é como parece. Verdadeiro é o evidente, numa acepção quase ‘visual’ da palavra, o ‘verdadeiro’ é claro, delineado, estruturado, visível.



A VERDADE LATINA

VERITAS

Em latim, verdade se diz *veritas* e se refere à precisão, ao rigor e à exatidão de um relato, no qual se diz com detalhes, pormenores e fidelidade o que aconteceu. Verdadeiro se refere, portanto, à linguagem enquanto narrativa de fatos acontecidos, se refere a enunciados que dizem fielmente as coisas tais como foram ou aconteceram. Um relato é veraz ou dotado de veracidade quando a linguagem enuncia os fatos reais.



A VERDADE HEBRAICA

EMUNAH

Em hebraico verdade se diz *emunah* e significa confiança. Agora são as pessoas e é Deus quem são verdadeiros. Um Deus verdadeiro ou um amigo verdadeiro são aqueles que cumprem o que prometem, são fieis à palavra dada ou a um pacto feito; enfim, não traem a confiança.

A verdade se relaciona com a presença, com a espera de que aquilo que foi prometido ou pactuado irá cumprir-se ou acontecer. *Emunah* é uma palavra de mesma origem que *amém*, que significa que assim seja. A verdade é uma crença fundada na esperança e na confiança, referidas ao futuro, ao que será ou virá. Sua forma mais elevada é a revelação divina e sua expressão mais perfeita é a profecia.



A VERDADE NO TEMPO

Aletheia se refere ao que as coisas são; *veritas* aos fatos que foram; *emunah* se refere às ações e coisas que serão. A nossa concepção de verdade é uma síntese dessas três fontes e por isso se refere às coisas presentes, como na *aletheia*, aos fatos passados e à linguagem, como na *veritas*, e às coisas futuras, como na *emunah*. Também se refere à própria realidade, como *aletheia*, à linguagem, como *veritas*, e à confiança-espereança, como na *emunah*.

FONTE: <http://www.consciencia.net> – Texto: Renato Kress. Acesso: 07/11/05

